



DOI: 10.18605/2175-7275/cereus.v8n3p68-85

UM ESTUDO SOBRE A CATEGORIA TRABALHO: SUA EVOLUÇÃO E ÓTICA SIMBÓLICA

ALMEIDA, Gustavo Tomaz de¹
ITUASSU, Cristina Trindade²
RIBEIRO, Luiz Paulo³

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar as repercussões simbólicas da categoria trabalho. A revisão de literatura permitiu uma análise sobre a evolução do significado do trabalho e posteriormente sobre as relações simbólicas deste. Para tanto, utilizaram-se os principais expoentes das Clínicas do Trabalho: Cristophe Dejours, Yves Clot e Yves Schwartz. Metodologicamente, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva, baseando-se em apresentar características do trabalho e sua relação com o simbolismo. Estudar o tema sobre este enfoque, não se

¹Doutorando em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Mestre em Administração pelo Centro Universitário UNA. Belo Horizonte/MG. gustavo_tomaz_almeida@hotmail.com.

²Doutora em Administração pela FGV. Professora do programa de mestrado em Administração do Centro Universitário UNA. Belo Horizonte/MG. cristianaituassu@yahoo.com.br.

³Doutor em Educação pela UFMG, linha de pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação. Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela UFMG. Graduado em Psicologia pela PUC/MG. Professor do UniBH. luzribeiro@live.com

assenta sob a égide do diagnóstico, mas de um olhar em relação ao cotidiano, as vivências, modos de ser e a valorização dos aspectos qualitativos intrínsecos nos processos relacionados ao trabalho. O simbolismo dá uma outra perspectiva, utilizando um conjunto de disciplinas que buscam articular a subjetividade e a atividade, objetivando compreender os fatores subjetivos e a própria atividade. O trabalho pode afastar o homem do prazer, sendo o melhor trabalho aquele que permite a ele sublimar o sofrimento, ou seja, desenvolver estratégias defensivas, individuais e coletivas, que o protegem do sofrimento, mas que também podem aliená-lo. A partir da contribuição dos autores foi possível observar que o indivíduo é influenciado pelo trabalho a que está submetido e que ele é definido a partir de suas vivências e experiências adquiridas.

Palavras-chave: gestão, subjetividade, simbolismo.

A STUDY ON THE WORK CATEGORY: ITS EVOLUTION AND PERSPECTIVE SYMBOLIC

ABSTRACT

This study aimed to analyze the symbolic impact of the work category. The literature review allowed an analysis of the evolution of the meaning of work and later on these symbolic relations. For this, we used the leading exponents of Labor Clinics: Cristophe Dejours, Yves Clot and Yves Schwartz. Methodologically, a literature and qualitative research was developed. As to the objectives, the research is classified as descriptive, based on display characteristics of the work and its relation to the symbolism. Studying the subject on this approach does not sit under the aegis of the diagnosis, but a look in relation to everyday life, experiences, ways of being and the appreciation of the intrinsic quality aspects of processes related to work. The symbolism gives another

perspective, using a set of disciplines that seek to articulate subjectivity and activity, aiming to understand the subjective factors and the activity itself. Work can fend off the man's pleasure, and the best job one that allows him to sublimate suffering, that is, develop defensive, individual and collective strategies that protect you from suffering, but may also alienate him. From the contribution of the authors was observed that the individual is influenced by the work that is submitted and it is set from their experiences and lessons learned.

Key Words: management, subjectivity, symbolism.

1. INTRODUÇÃO

O século XXI teve seu início marcado por profundas transformações sociais e culturais. As novas tecnologias, a expansão do conhecimento, as modificações nas relações familiares e comunitárias, a pluralidade cultural, bem como as mutações do próprio mercado foram inseridas no cotidiano das pessoas e culminaram num novo olhar sobre a realidade (NÓVOA, 2008).

Diante desse cenário, o trabalho enfrenta inúmeros desafios e transformações. Muitas áreas do conhecimento se dedicam a ditar o que o trabalhador deve fazer para o alcance dos objetivos da administração. Contudo, nota-se um paradoxo, uma vez que um número cada vez maior de pessoas se dedica a estudar o trabalho sobre a ótica quantitativa, desenvolvendo métodos de desempenho e, em contrapartida, nem sempre são avaliadas as variáveis qualitativas sobre o significado do trabalho, estudo pelo qual esta pesquisa se desenvolve na ótica simbólica, com a seguinte questão: Como os autores da categoria trabalho interagem com o Simbolismo?

Para tanto, empreendeu-se uma discussão sobre o trabalho enquanto objeto de estudo do Simbolismo, realizando-se uma análise das transformações sociais, políticas e históricas, relacionadas ao trabalho e analisando os critérios e conflitos de gestão dos usos de si (SCHWARTZ, 2004) no interior da atividade.

Este estudo situa-se no campo trabalho, se dedicando a analisar e compreender os impactos e contribuições deste para a vida e subjetividade dos indivíduos. Para atingir os objetivos deste estudo, optou-se por subdividir em duas etapas: a primeira visou compor a base teórica desta pesquisa, buscando a evolução histórica do significado do trabalho; a segunda alertou aos principais teóricos, como Clot, Dejours e Schwartz.

Assim, na primeira etapa o leitor terá acesso a uma discussão sobre o trabalho como objeto de estudo do simbolismo, de sua contribuição para subjetividade e saúde. Para tanto, foram resgatadas as principais abordagens teórico-metodológicas no campo da Evolução Histórica do Trabalho. Na segunda etapa, optou-se por analisar o trabalho a partir de

desafios e transformações relacionados à profissão.

2. MÉTODO

Metodologicamente, se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica, envolvendo reflexões dos principais expoentes das Clínicas do Trabalho: Cristophe Dejours, Yves Clot e Yves Schwartz. O trabalho aborda o problema de forma qualitativa. Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como descritiva, baseando-se em apresentar características do trabalho e sua relação com o simbolismo.

Numa primeira fase, foi feita a leitura individual por cada pesquisador das obras de Dejours, Clot e Schwartz, com foco nas contribuições das Clínicas do Trabalho. Na sequência, ocorreu uma discussão em grupo entre os pesquisadores durante o período de quarenta dias, chegando a um consenso sobre as principais contribuições. Essas conclusões foram anotadas em diários, facilitando aos pesquisadores relembrem o que foi comentado. Da leitura deste diário, os pesquisadores sentiram ausência de olhares complementares da Psicologia Social, em especial, do campo nacional. Nesta etapa, uma rodada de

leitura e discussão de artigos publicados em periódicos nacionais foi feita, no decorrer de mais noventa dias, com encontros semanais de quatro horas. Em cada encontro, cada pesquisador, anotou as contribuições complementares em seu diário.

Ao final, os três diários foram digitados, fundidos em material único e analisado pelos pesquisadores. Novas reuniões foram feitas para reduzir divergências de compreensões entre as Clínicas do Trabalho e sua relação com o Simbolismo. Ao final, após eliminado redundâncias de texto do trabalho de fusão dos diários de leitura, restou um material de trinta páginas de anotações, em espaçamento simples, que permitiriam aos pesquisadores responderem ao problema de pesquisa, cujo resultado está descrito a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO DO TRABALHO

Estudar o trabalho sobre a ótica simbólica envolve uma conceituação abrangente e multidisciplinar: “Abordar o trabalho pelo viés da atividade humana multidimensional (componentes fisiológico, cognitivo,

afetivo e social) é uma via fecunda de produção de conhecimentos (...)” (FERREIRA, 2000, p.6). Assim a noção de trabalho transita em diferentes campos do saber.

Trabalhar diz de ocupar-se, esforçar-se, estar em funcionamento, empregar esforços, negociar, pôr em obra, lavrar e delinear (FERREIRA, 2004), contudo diz também de fazer sentido e de ir em busca de algo, sendo então uma categoria complexa em que o homem se coloca em movimento, tentando transformar o mundo e alcançar seus objetivos, buscando significados. Ao longo dos séculos vários conceitos foram formulados sobre este significado do trabalho, sendo necessário, portanto, retrazar o seu percurso histórico (VIEGAS, 1989).

Desde os primórdios da humanidade, a categoria trabalho esteve inerente à ação humana. Os homens das cavernas já tinham uma divisão das tarefas, homem e mulher, com seus corpos, lutavam pela sua sobrevivência e de sua prole, o trabalho fazia parte dessa luta cotidiana, de proteger, procurar alimento, cuidar dos filhos: o trabalho significava viver (VIEGAS, 1989). Viegas (1989) destaca também que no

texto bíblico, o trabalho está associado a castigo, a condenação e ainda que: “no século XII a palavra trabalho significava tormento e sofrimento” (p.1).

Segundo Drumond (2002), na sociedade romana o trabalho era uma fonte de sofrimento, assim como na sociedade grega, em que da mesma forma, o trabalho não era valorizado. Nessa época, o significado era associado apenas à satisfação das necessidades básicas do homem (vestir-se, alimentar-se, produzir, comerciar) e por esse motivo era relegado aos escravos.

Na Idade Média percebe-se um homem embevecido com seu trabalho, em que sua obra era seu sustento, e ele se reconhecia em seu próprio trabalho. Assim como para os homens das cavernas, o trabalho simbolizava sua vida e meio de se relacionar com o mundo (LINHART, 2007).

Linhart (2007) afirma que no século XIX e nos séculos subsequentes, o trabalho se tornou produto de um movimento histórico de libertação e de emancipação, assim como de um movimento econômico de alteração da natureza e de alienação, significando também um papel importante no processo de

socialização do homem e de estabelecimento de vínculos sociais.

Dentro de um modelo de acumulação do capital, inaugurado pela Revolução Burguesa e Industrial, o capitalismo emergiu como modelo de organização política e produtiva da sociedade. Com a necessidade da industrialização, a dimensão simbólica do trabalho se perdeu diante da objetividade necessária para o mercado capitalista. Ribeiro (1999) afirma que antes própria do ser humano, a produção passou a ser feita pelas máquinas, e o homem estaria fadado a regulá-las, de forma monótona, sem significado e apertando botões repetidamente.

No trabalho organizado, observa-se uma ênfase no controle da produção, nos ritmos e nos métodos, em detrimento da necessidade de adaptar o trabalho ao ser humano e as

suas características simbólicas. Ou seja, segundo Organista (2006), nesse momento histórico a atividade se desvincula de uma “dimensão subjetiva” (p.11).

No decurso histórico, o mundo do trabalho viveu profundas transformações. Mas, ainda que por épocas desvinculada, prevalece a idéia que o trabalho se refere a algo que sempre deve ser prazeroso, já que é por meio dele que o homem se edifica. E, se o trabalho não simboliza prazer, existe algo de errado nele. Dessa forma, a falta de significado no trabalho pode ser combatida, porque é produto de algum tipo de alienação, e assim, pode ser um gerador de doenças mentais (CODO, SORATTO, VASQUES-MENESES, 2004). Para facilitar o entendimento, os principais pontos desta evolução histórica estão sintetizados no Quadro 1:

Tabela 1. Síntese da evolução histórica do trabalho.

Período	Evento	Autor
Homem das cavernas	Divisão do trabalho (para homem e mulher). Trabalho significa viver: cuidar dos filhos, proteger e alimentar-se.	Viegas (1989)
Texto bíblico	Trabalho associado a castigo (condenação).	Viegas (1989)
Século XII	Trabalho como tormento e sofrimento.	Viegas (1989)
Sociedade romana	Trabalho como fonte de sofrimento.	Drumond (2002)
Sociedade grega	Trabalho não era valorizado. Relegado aos escravos para atender as necessidades básicas do homem.	Drumond (2002)
Idade média	O homem se reconhece no seu trabalho. Trabalho como sustento.	Linhart (2007)
Século XIX e seguintes	Trabalho como produto do movimento histórico de libertação e de emancipação, movimento econômico de alteração da natureza e de alienação, movimento de socialização do homem e estabelecimento de vínculos sociais.	Linhart (2007)
Capitalismo	Trabalho se desvincula de uma dimensão subjetiva, em que as máquinas substituíam o trabalho humano, cabendo ao homem apenas executá-lo, de forma monótona.	Ribeiro (1999) e Organista (2006)
Dias mais atuais	Trabalho deve ser prazeroso e edifica o homem. Se ele não simboliza prazer, pode indicar alienação e produtor de doenças mentais.	Codo, Sorato, Vasques-Meneses (2004)

Fonte: Elaborado pelos autores

AS RELAÇÕES SIMBÓLICAS DA CATEGORIA TRABALHO

A teoria da dinâmica do trabalho tem como principal expoente Cristophe Dejours, que desenvolveu seu trabalho a partir da Psicopatologia do Trabalho, disciplina criada por Le Guillant e Paul Sivadon e tinha como objeto de estudo o potencial psicopatológico do trabalho (CODO, SORATTO, VASQUES-MENESES, 2004).

Para Lima (1998), Dejours teve grande importância na difusão do debate sobre a saúde mental no

trabalho, no país. O interesse por pesquisadores brasileiros pelas questões relacionadas ao significado do trabalho se fortaleceu e solidificou a partir da publicação, em 1987, de seu livro, traduzido para o português como *A loucura do trabalho*.

Codo, Soratto e Vasques-Meneses (2004) afirmam que Cristophe Dejours desenvolveu estudos com metodologia e pressupostos psicanalíticos, todavia não encontrou nos resultados de suas pesquisas dados sobre quadros psicopatológicos associados ao trabalho. Identificou ainda contradições que sinalizaram a necessidade de

encontrar um método que superasse a dicotomia entre normalidade e patologia e ao mesmo tempo estudasse o homem em relação, o homem na coletividade.

Ainda segundo Codo, Soratto e Vasques-Meneses (2004), Dejours afastou-se definitivamente de Le Guillant e redefiniu o foco das relações de trabalho, como a busca da aproximação dos processos intra e intersubjetivos para compreender como simbolicamente, apesar de submetido às condições de trabalho desestabilizantes, este alcança certo equilíbrio, buscando a compreensão das estratégias defensivas as quais o trabalhador recorre para manter-se saudável.

Essa abordagem afiança que as relações de trabalho podem gerar sofrimento e não faculta ser eliminado, contudo não é necessariamente patogênico, podendo ser transformado em criatividade e beneficiar a identidade, a partir da dinâmica do reconhecimento. O trabalho pode afastar o homem do prazer, sendo o melhor trabalho aquele que permite a ele sublimar o sofrimento, ou seja, o trabalhador desenvolve estratégias defensivas, individuais e coletivas, que o protegem do sofrimento, mas que

também podem aliená-lo (CODO, SORATTO E VASQUES-MENESES, 2004).

Dessa forma, segundo Codo, Soratto e Vasques-Meneses (2004), a metodologia proposta privilegia o discurso do trabalhador, uma vez que é a partir da fala destes que emerge a fonte de conflito que provoca o sofrimento. A demanda deve sempre partir dos trabalhadores e as intervenções somente são possíveis a partir do reconhecimento desse sofrimento pelo indivíduo e deve ser realizada através de processos grupais.

Jacques (2003) também compartilha da mesma análise sobre os pressupostos dejourianos, em que o trabalho simboliza “um fator que interage com uma constituição psíquica pré-dada embora lhe reserve um estatuto de causa relevante de problemas psicopatológicos” (p. 105-106). A autora ressalta a repercussão da dinâmica do Trabalho no Brasil e alerta quanto aos riscos do uso equivocado da adaptação da metodologia dejouriana em entrevistas individuais que não incitam o sujeito e não permitem reconstruir a lógica das pressões do trabalho e as defesas utilizadas.

Para complementar a discussão, Jacques (2003) apresenta os estudos e pesquisas em subjetividade e trabalho que buscam analisar o sujeito trabalhador definido a partir de suas vivências e experiências adquiridas no mundo do trabalho. “As diferentes abordagens que constroem o campo da subjetividade e trabalho buscam as experiências dos sujeitos e as tramas que constroem o lugar do trabalhador, definindo modos de subjetivação relacionados ao trabalho” (JACQUES, 2003, p.112).

Dessa forma, sobre a ótica simbólica, tais estudos não se assentam sob a égide do diagnóstico, mas de um olhar sobre o cotidiano, as vivências, modos de ser e a valorização dos aspectos qualitativos intrínsecos aos processos relacionados ao trabalho. Para isso, os estudos e pesquisas em simbolismo e subjetividade, privilegiam técnicas como observação, entrevistas individuais e coletivas e análises documentais (JACQUES, 2003).

Outro olhar sobre a visão simbólica, são as clínicas do trabalho, que podem ser definidas como um conjunto de disciplinas que buscam articular a subjetividade e a atividade,

objetivando compreender os fatores subjetivos e a própria atividade (LIMA, 2010). Dessa forma, elas operam uma mudança no “(...) lócus da prática e da produção do conhecimento para os espaços de trabalho considerados na sua relação com a dinâmica social mais ampla” (LIMA, 2010, p. 229).

A ergologia é um dos tipos de clínica do trabalho, apontada por Zambroni-de-Souza e Zambroni-de-Souza (2008) como um campo de novo olhar sobre o trabalho. Não é então uma nova disciplina universitária, mas sim “um modo inovador para abordar a atividade humana” (SCHWARTZ, DURRIVE, 2007, p. 19), e tomam como base os estudos e a obra do filósofo Georges Canguilhem, médico e epistemólogo francês.

Nesse sentido a ergologia propõe confrontar as experiências de vida e de trabalho com os conceitos academicamente estabelecidos, considerados sempre provisórios e imperfeitos, porém, indispensáveis para compreender e possibilitar a transformação positiva da vida e do trabalho pelas próprias pessoas (SCHWARTZ, DURRIVE, 2007).

Schwartz (2004), que contribui significativamente para os estudos no

campo da ergologia, defende que o trabalho sempre tem uma composição simultânea, em parte *uso de si pelos outros* e em parte *uso de si por si*. Tal definição implica, respectivamente, às normas operacionais e instrucionais e à multiplicidade histórica, social e biológica do ser, ambas levadas em consideração no processo de decisão e gestão. O autor ainda afirma que toda atividade é sempre algo da ordem do devir, “um destino a viver” (p. 25).

Moura (2009) complementa, o que “define uma organização do trabalho é o modo particular como as pessoas constroem essas realidades coletivas aos olhos dos outros e em relação às prescrições e padronizações do trabalho” (p. 166). Ou seja, a relação entre o individual e o coletivo, as labilidades da polarização das ações gestionárias (eficiência e eficácia) é que definem e circunscrevem o significado da atividade no trabalho no campo simbólico:

Em relação a essa unidade sempre lábil e vaga, cada pessoa está comprometida em toda espécie de negociações por que sua própria história a conduz também a considerar, na situação específica, a operacionalização dos valores eficácia e eficiência, de acordo com as modalidades singulares de sua dramática de uso de si (SCHWARTZ, 2004, p. 30).

Ainda para entendimento do simbólico no trabalho, pode-se citar a Clínica da Atividade, criada em meados de 1990, pelo psicólogo francês Yves Clot, tentando superar o divórcio entre atividade e subjetividade. Segundo Lima (2010) um dos aspectos principais que ressalta a especificidade dessa clínica reside na forma pela qual significa a atividade na sua relação com a subjetividade. Assim o objetivo da clínica da atividade é “desenvolver a capacidade de agir dos trabalhadores sobre eles mesmos e sobre o campo profissional” (CLOT, 2006, p. 101).

Clot (2006) aponta um problema enfrentado pelo analista do trabalho, já que este é precedido no campo simbólico por aqueles que nele vivem, sujeitos que já puderam compreender e interpretar seu meio de trabalho para lhe dar e conservar um sentido. Ele elabora aí uma prática construída pelos trabalhadores, voltada para decifrar os objetivos e motivações dos atos humanos, dos significados e da eficiência da ação habitual no trabalho.

Para conseguir trabalhar todas essas abordagens conjuntamente na perspectiva simbólica, Clot fez uma releitura, uma re-análise do trabalho de Vygotsky e a atividade, na tradição

vygotskyana, não é operação. Clot (2006) afirma que existe uma equivalência entre atividade e saúde e adota uma definição filosófica de saúde trazida por Georges Canguilhem. Nesse sentido, a clínica da atividade é um método utilizado para a compreensão e análise do trabalho, não numa perspectiva positivista, mas a partir da atividade dirigida como unidade básica de análise, fazendo uma opção pelo conflito como ponto de partida, buscando entender como os trabalhadores sabem e não, o que sabem. As pesquisas visam assim, ação sobre o campo profissional e objetivam o desenvolvimento da capacidade de agir dos trabalhadores sobre eles mesmos e sobre o campo de trabalho (CLOT, 2006).

Dando uma nova feição ao entendimento do trabalho, Clot (2006) defende que toda atividade possui um ou mais destinatários. Estando sempre endereçada, toda atividade profissional é significada como uma co-atividade, sempre uma resposta à atividade dos outros. Da mesma forma que a atividade profissional resulta do que os outros fazem, de forma simultânea, ela exerce efeito sobre a atividade dos outros. (SANTOS, 2006). As análises

de Yves Clot (2006) se dirigem para além do comportamento e a atividade simboliza o que não se faz, ao que se deveria ou gostaria de fazer, mas não pode, e àquilo que se faz sem ter necessidade. Santos (2006) define que a atividade impedida, àquela que retorna, não realizada, é o que cansa. A tarefa que permite o desenvolvimento do sujeito no momento em que se realiza, é a boa tarefa.

Santos (2006) também define gênero profissional, como terceiro conceito fundamental a ser discutido a partir dos estudos de Clot. As obrigações que se atribuem ao coletivo profissional e que se partilha para trabalhar constituem o prescrito informal.

Então se pode afirmar que além de uma prescrição oficial, da tarefa oficial, existe também um sistema de obrigações partilhadas por um determinado meio profissional, uma espécie de prescrição coletiva que baliza a atividade dos profissionais. Essas maneiras de realizar a atividade estão situadas no tempo, tem um caráter histórico e transitório. A esse nível informal da prescrição, conhecida apenas por aqueles que veem significado nestas situações

profissionais, Clot (2006) chamou de gênero profissional. No Quadro 2, sintetizam-se as principais contribuições de Dejour, Clot e

Schwartz descritas acima, para a compreensão do campo simbólico da categoria trabalho.

Tabela 2. Principais pontos de Cristophe Dejours, Yves Clot e Yves Schwartz.

Período	Evento	Autor
Cristophe Dejours	Desenvolvido por meio do potencial psicopatológico do trabalho. Difusão e aumento do interesse pelos significados do trabalho por pesquisadores brasileiros a partir de 1987, com a publicação do livro <i>A loucura do trabalho</i> . Estudos com metodologia e pressupostos psicanalíticos, não busca o diagnóstico. Privilegia entrevistas individuais, coletivas, análises documentais e observação que incitem o discurso do trabalhador para emergir o conflito que provoca o sofrimento; as intervenções são possíveis a partir do reconhecimento deste sofrimento pelo indivíduo; todavia não encontrou fatores psicopatológicos associados ao trabalho. Sinalizou a necessidade de um método que superasse a dicotomia entre normalidade e patologia e ver o homem na coletividade. Redefiniu o foco das relações de trabalho: busca da aproximação dos processos intra e intersubjetivos para compreender como simbolicamente este alcança certo equilíbrio, podendo não ser patogênico, e transformar-se a partir da dinâmica do reconhecimento. O trabalho pode proteger o sofrimento, mas também aliená-lo.	Codo, Sorato, Vasques-Meneses (2004), Lima (1998), Jacques (2003).
Yves Schwartz	Clínicas do trabalho – Tipo ergologia, baseado no filósofo Georges Canguilhem, médico e epistemólogo francês. Propõe confrontar experiências de vida e trabalho com conceitos academicamente estabelecidos. Trabalho é parte uso de si pelos outros e parte uso de si por si. Toda atividade é um destino a viver. O trabalho é o modo particular como as pessoas constroem essas realidades coletivas aos olhos dos outros e em relação às prescrições e padronizações do trabalho e circunscrevem o significado da atividade no trabalho no campo simbólico.	Schwartz e Durrive (2007), Schwartz (2004) e Moura (2009).
Yves Clot	Clínica da Atividade - criada em meados de 1990 e significa a atividade na sua relação com a subjetividade. Objetivo é desenvolver a capacidade de agir dos trabalhadores sobre eles mesmos e sobre o campo profissional. Existe uma equivalência entre atividade e saúde e uma definição filosófica. É um método utilizado a partir da atividade dirigida como unidade básica de análise, fazendo uma opção pelo conflito como ponto de partida, buscando entender como os trabalhadores sabem e não, o que sabem. Estuda a capacidade de agir dos trabalhadores sobre eles mesmos e sobre o campo de trabalho. Defende que toda atividade possui um ou mais destinatários, sempre uma resposta à atividade dos outros, ela exerce efeito sobre a atividade dos outros. Se dirigem para além do comportamento e a atividade simboliza o que não se faz, ao que se deveria ou gostaria de fazer, mas não pode, e àquilo que se faz sem ter necessidade. A atividade impedida, àquela que retorna, não realizada, é o que cansa. A tarefa que permite o desenvolvimento do sujeito no momento em que se realiza, é a boa tarefa. Existe também um sistema de obrigações partilhadas por um meio profissional, uma prescrição coletiva que baliza a atividade dos profissionais, situadas no tempo, com um caráter histórico e transitório. Gênero profissional: nível informal da prescrição, conhecida apenas por aqueles que veem significado em situações profissionais.	Lima (2010), Clot (2006), Santos (2006).

Fonte: Elaborado pelos autores

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oferecer escuta ao significado do trabalho, numa perspectiva simbólica. Esta foi a intenção precípua desta pesquisa, ao definir as contribuições do poder falar, ser escutado e se escutar em relação às suas angústias, inseguranças, dúvidas e potencialidades, revelando os dramas simbólicos do trabalho real, por vezes, impedido pelo modo de organização do trabalho. Como uma das contribuições práticas do estudo, espera-se, com isso, deslocar o sujeito no trabalho de uma posição de vítima-inocente para uma posição mais crítica de suspeita de uma cumplicidade recíproca.

Diante disto, esse trabalho teve como objetivo compreender como os autores da categoria trabalho interagem com o Simbolismo, buscando a relação entre o significado do trabalho e o indivíduo. Nesta tarefa, a revisão bibliográfica permitiu compreender que o simbolismo no trabalho se faz como algo que (re) percute no corpo da profissão, algo que ressoa: são práticas, sofrimentos, ações, normas, pensamentos, desejos, afetos e significações que subsidiam a

construção do saber e a continuidade da instituição.

Em outras palavras, também como contribuições práticas do estudo, o leitor pode compreender criticamente que o cotidiano do trabalho é atravessado por elementos diversos que constituem um espaço contínuo de ensino-aprendizagem em que várias personagens atuam. No entanto, para não ficar isolado, o trabalhador sente-se na obrigação de aderir ao sistema, mesmo que não acredite na sua eficiência. Assim, muitas vezes é compelido a deixar de exercer um trabalho no qual acredita e que seria pautado na realidade, para cumprir a prescrição imposta da sua atividade.

Essa reflexão repercute para o gestor, tanto no campo acadêmico quanto profissional, refletindo implicações práticas diretas e indiretas. Além disso, o positivismo presente nas publicações sobre a categoria trabalho, privilegiando mais as descobertas empíricas que levam ao aumento desenfreado de lucratividade pelas organizações e colocam os sujeitos e seu sofrimento nos bastidores, levam e urgem em discussões necessárias sobre o

equilíbrio entre trabalho, organizações e sujeito.

Durante a pesquisa observou-se, segundo os autores, que o trabalho é impregnado de idealizações que nem sempre se confirmam na prática. O ideal do trabalho pode ser corrompido pelas labilidades das dramáticas dos usos de si pelos outros. Encarceradas numa profissão desejada, e não realizada ao seu modo, os profissionais são tomados por impedimentos que pode refletir no desempenho do profissional.

Como limitações deste estudo, os pesquisadores não chegaram a analisar dados empíricos, o que impossibilitou inferências de maior amplitude e exatidão. Contudo, confia-se que os estudos demonstrados pelos expoentes das Clínicas do Trabalho revelam o cotidiano de um profissional imerso em uma atividade, que atravessa as barreiras positivistas, passando assim pela abordagem simbólica do significado do trabalho para este indivíduo, o que impossibilita generalização estatística, mas permite generalização teórica.

Adiante, considerando que a Clínica da Atividade tem como objetivo

a ação sobre o campo profissional e buscando desenvolver a capacidade de agir e promover as intervenções a partir dos conflitos, este trabalho pautou-se por mostrar os entraves do trabalho para que, em oportunidades futuras, sejam feitas pesquisas de maior abrangência, com o objetivo de fortalecer o gênero profissional como recurso coletivo para a ação individual.

Deste modo, como sugestões para novas pesquisas, podem-se desenvolver trabalhos empíricos que avaliem o sujeito para além da questão coletiva, direcionando o olhar do pesquisador às peculiaridades do indivíduo, desvendando o que faz com que ele lide de forma diferente com o cotidiano e suas repercussões. Essas pesquisas podem se efetivar a partir de estudos de caso e análise da história ou trajetória de vida como possibilidades metodológicas de cunho qualitativo. Outra perspectiva de estudo, também interessante, é confrontar dados obtidos nacionalmente com dados locais e informações individuais, tratando a saúde e o trabalho numa perspectiva simbólica.

REFERÊNCIAS

CLOT, Yves. Entrevista. In.: **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.9, n.2, 2006, p.99-107.

CODO, Wanderley; SORATO, Lúcia; VASQUES MENESES, Iône. Saúde mental e trabalho. In.: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt (Org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.276-299.

DRUMOND, Valéria Abritta Teixeira. **Princípio da Integração do Trabalhador na Empresa no Sistema Jurídico-Constitucional Brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Direito, 2002. 142f. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/direito/Drumond_1.pdf> Acesso em: 02 de outubro de 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Mário César. Atividade, categoria central na conceituação de trabalho em ergonomia. Canoas: **Aleteia**, v. 1, n. 11, 2000, p. 71-82.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**. v. 1, n. 15, jan./jun.2003, p.97-116.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes de. A psicopatologia do trabalho: origens e desenvolvimentos recentes na França. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 2, n. 18, 1998, p.10-15.

_____. **Abordagens clínicas e saúde mental no trabalho**. In.: BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. (Orgs.). **Clínicas do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 227-257.

Rev. Cereus, v. 8, n. 3, p.65-82, set-dez./2016, UnirG, Gurupi, TO, Brasil.

- LINHART, Danièle. **A desmedida do capital**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- LUKÁCS, Georg. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. In: **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, v. 1, n. 4, 1978, p. 1-18.
- MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. Gestão do trabalho docente: o “dramático” uso de si. **Educar**. Curitiba, v.1, n. 33, 2009, p.157-169.
- NÓVOA, Antônio. Os professores e o novo espaço público da educação. In.: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Org.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 217-233.
- ORGANISTA, José Henrique C.. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2006.
- RIBEIRO, Herval Pina. **A violência oculta no trabalho**: as lesões por esforços repetitivos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- SANTOS, Marta. Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. **Laboreal**, v. 2, n. 1, 2006, p.34-41. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45n_SU54_711226516545:581> Acesso em: 01 de outubro de 2015.
- SCHWARTZ, Yves, DURRIVE, L. (Orgs.). **Trabalho e ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: EdUFF, 2007.
- SCHWARTZ, Yves. Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias. In.: FIGUEIREDO, M., BRITO, J., ATHAYDE, M., ALVAREZ, D., (orgs). **Os labirintos do trabalho**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.23-33.
- VIEGAS, Sônia. **Trabalho e Vida**. In: Conferência pronunciada para os profissionais do Centro de Reabilitação Profissional do INSS-BH, 1989.

ZAMBRONI-DE-SOUZA, Paulo César; ZAMBRONI-DE-SOUZA, Ana Maria Ramos. Lançando luz sobre atividade e trabalho: a contribuição da Ergologia. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.1, n.1, 2008.

Recebido em:03/11/2015

Aprovado em: 10/10/2016